

LEITE DE PEDRAS

Roberto Rodrigues*

Saiu no último dia 17 de junho o aguardado Plano de Safra 2020/21.

E pode-se dizer que ficou melhor do que a expectativa do setor.

Afinal, com a tragédia da pandemia, a demanda por recursos públicos para a saúde é enorme e, obviamente, prioridade máxima. Diante das dificuldades financeiras do governo, não havia grande esperança de que o Plano fosse de acordo com as necessidades reais do setor, como, de resto, nunca é mesmo.

Mas surpreendeu muito positivamente. Os recursos disponibilizados para todo o crédito chegaram a 236,3 bilhões de reais, cerca de 6,1% a mais que no ano passado, e este percentual é maior que a inflação.

Cerca de 65% desses recursos serão emprestados com taxas controladas ou subsidiadas. E as taxas de juros de maneira geral também diminuirão, o que faz todo sentido no momento em que a Selic chega ao menor nível da história, abaixo de 2,5%. Resta saber como os bancos se comportarão quanto aos recursos livres.

Chama a atenção o volume de dinheiro para investimento, da ordem de 56,92 bilhões, ou 6,6% maior que em 2019. Há nisso uma clara intenção do governo de estimular a indústria de equipamentos para o campo, o que faz todo sentido. Aliás, tem surpreendido, até mesmo antes do anúncio do Plano, a forte demanda de máquinas agrícolas por parte dos agricultores. Bom sinal, mostrando que a safra de grãos recém terminada foi capaz de capitalizar o setor nas regiões onde não houve a seca severa que afetou o Rio Grande do Sul e algumas áreas nos estados vizinhos.

Nesse ponto, vale destacar o forte crescimento dos recursos ofertados para o seguro rural, da ordem de 1,3 bilhão de reais. Finalmente esse instrumento essencial começa a ter a atenção que sempre lhe faltou. Criado em 2003, aos 17 anos o seguro mal chega a cobrir 10% da área agricultada. Com o crédito e a tecnologia, o seguro forma o tripé indispensável para a estabilidade da renda no campo.

Alguns itens do Plano de Safra chamam a atenção, e entre eles está o apoio ao médio produtor via Pronamp, que cresceu 25,1% sobre 2019, chagando a 33,2 bilhões de reais.

Cresceu também o apoio ao pequeno produtor através do Pronaf. O volume destinado a este importante segmento foi de 33 bilhões de reais, aumento de 5,7% em relação ao Plano anterior. E este capítulo tem alguns aspectos muito bem tratados. Entre eles está o apoio à construção de habitações rurais para os filhos dos pequenos agricultores que trabalham e vivem na propriedade, um programa de grande valor social. Outro é o suporte para trabalhos em bioeconomia, que podem trazer bom lucro à agricultura familiar.

Mas foi muito importante o forte apoio ao cooperativismo, e em especial ao de crédito, que tem a simpatia do competente Presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto. O Prodecoop cresceu 28,9% em relação a safra passada, atingindo 1,65 bilhão. É bem menos do que o setor demandava, e com razão, para

seus projetos de investimento, mas foi o possível. E a taxa de juros baixou de 8 para 7%...

Um detalhe muito relevante: quando esta revista estiver circulando, a CNA já terá apresentado ao Ministério da Agricultura seu projeto de Plano de Safra Plurianual, um velho sonho do campo.

Em resumo, a Ministra da Agricultura Tereza Cristina mostrou enorme competência em convencer o governo das melhoras alcançadas no Plano de Safra 2020/21. Ela “arrancou leite de pedra” com sua ótima equipe, com destaque para os secretários Eduardo Sampaio e Fernando Schwanke e não se satisfaz com isso: “encheu o balde”!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**